



O ECUMENISMO E A UNIDADE DA IGREJA

Mônica Cordovil de Oliveira Martins Gomes¹

RESUMO

Ecumenismo é um termo bastante discutido no meio teológico, por isso logo se vê a grande importância de se entender seus fundamentos e como surgiu, e ainda, seu contexto, ou seja, como está inserido na sociedade e seu futuro diante de tantas vertentes e desafios que tem enfrentado. Ecumenismo vem do termo grego *oikoumene* que significa mundo habitado que vem de *oikos* que significa casa, habitação. Num sentido mais amplo, ecumenismo tudo tem a ver com *unidade*. Por isso, ecumenismo é tratado num sentido mais amplo com a cooperação entre as diversas religiões, num sentido mais restrito na unidade entre as igrejas cristãs e num sentido mais específico e mais recente, a superação das diferenças entre as diversas denominações evangélicas. Sabe-se também que o ecumenismo só tem sentido se considerado após a Reforma Protestante, originando a divisão da Igreja Católica, que até então era única, e a partir daí já surgiram diversos movimentos para se tentar retornar à Igreja única de Jesus Cristo. No contexto atual, o ecumenismo defende uma complementação e não uma supressão da variedade, sendo assim a diversidade religiosa não se torna um empecilho para sua propagação. Existem muitos pontos convergentes e divergentes entre os modelos de unidade defendidos ao longo da história do ecumenismo. E também muitas divergências entre os que aderem ao movimento pentecostal, mas ainda assim há pontos que parecem abrir espaço ao diálogo ecumênico e há pontos que parecem afastá-lo cada vez mais das igrejas cristãs. Diante de tantos modelos, pode-se perguntar: Será que o ecumenismo evoluiu mesmo ao longo dos anos ou continua sendo uma utopia, ainda mais com as igrejas pentecostais?

Palavras-chave: ecumenismo, unidade, fundamentos, contexto, futuro.

¹ Bacharel em Sistemas de Informação pelo Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA
Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Seminário Unido – FTSU
E-mail: monicacordovil@hotmail.com



INTRODUÇÃO

A grande diversidade de opiniões e vertentes do ecumenismo tem levado cada vez mais à discussão e pesquisa sobre esse tema, principalmente no meio acadêmico. A incessante busca por respostas, perspectivas positivas ou negativas e caminhos para se entender e compreender o ecumenismo é grande tanto para aqueles que o aceitam quanto para aqueles que o repudiam.

O ecumenismo vem buscando desde seus primórdios, desde a Reforma Protestante, que foi a divisão da Igreja até então existente, uma nova unidade entre as igrejas, fato este que tem levado a criação de diversos modelos de unidade, mas ainda nenhum conseguiu subsistir às oposições.

A pesquisa visa mostrar os fundamentos do ecumenismo, ou seja, como surgiu e de onde se deriva; como seu contexto tem se ampliado de uma unidade entre as religiões e entre as igrejas cristãs, para também uma melhor unidade entre as diversas denominações evangélicas, diante de tantas disputas existentes nesse meio.

Visa também mostrar quais as possibilidades do ecumenismo no futuro, diante de tantas controvérsias.

1 FUNDAMENTOS DO ECUMENISMO

O termo ecumenismo não é novo, mas muitas pessoas ainda não conhecem bem e nem sabem do que se trata quando se fala em ecumenismo e ecumênico. Outros, ainda, falam erroneamente sobre o termo ecumenismo, por isso muitas pessoas têm em mente que ecumenismo é algo satânico, anti-bíblico, ou até uma tentativa de consolidação de um sincretismo religioso, que conforme Aurélio¹ significa uma tendência à unificação de idéias ou de doutrinas diversificadas e, por vezes, até mesmo inconciliáveis.

Deve-se entender que, essa unificação que o ecumenismo defende tem várias dimensões, entre elas podemos destacar as mais importantes: ecumenismo como uma extensão da teologia, como uma disciplina e como um movimento.

Antes de se falar dessas dimensões do ecumenismo, deve-se ver primeiro o significado da palavra ecumenismo que, conforme Taylor² vem da palavra grega *oikoumene*,

² TAYLOR, William Carey. **Dicionário do Novo Testamento Grego**. 10. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.



que significa mundo habitado, terra, universo, a qual deriva da palavra *oikos* que significa casa, habitação ou do verbo *oiken* que significa habitar, morar.

Pode-se entender então que o termo ecumenismo tem a ver basicamente com *unidade*³, independentemente da esfera que esteja sendo aplicada, pois num sentido mais amplo pode significar a cooperação e a aproximação entre as diversas religiões existentes; num sentido mais restrito uma unidade entre as igrejas denominadas cristãs; e num sentido mais específico ainda, a superação das diversas divergências existentes hoje entre as igrejas evangélicas, ou seja, superação das diferenças entre as diversas denominações.

De posse desse entendimento, fica mais fácil entrar nas esferas do ecumenismo. Pode-se entender que o ecumenismo é uma dimensão da teologia, pois não podemos estudar ecumenismo, ou seja, a unidade das igrejas cristãs, sem estudarmos suas raízes, como isso aconteceu no passado, pois nesse passado a igreja era sim ecumênica, não existiam várias igrejas cristãs, os concílios eram realmente ecumênicos, suas decisões valiam para toda a igreja, ou seja, a igreja era realmente uma só. As igrejas cristãs eram ecumênicas até a Reforma Protestante.

Estudando a história não é difícil encontrar várias causas aparentes que antecederam e influenciaram para que essa reforma ocorresse, através de John Wycliff, Jan Huss, Johannes Gutenberg e Jerônimo Savonarola. Porém seu estopim foi a campanha de indulgências com a finalidade de arrecadar fundos para a Basílica de São Pedro em Roma. A Reforma então se inicia em 31/10/1517, quando o monge Martinho Lutero afixou na porta do Castelo de Wittenberg as 95 teses condenando diversas práticas da Igreja Católica.

Estuda-se ecumenismo também como uma *disciplina*, por sinal muito importante para estudarmos tanto a história da igreja, quanto a igreja contemporânea. Para entendermos teologia, precisamos entender sua história, o pensar teológico ao longo dos anos, história essa na qual o ecumenismo está inserido. Por isso podemos ver que para entendermos teologia, precisamos sim estudar ecumenismo, entender como era a igreja única, a igreja católica, porque se deu esse grande cisma e como isso aconteceu, e entender o ecumenismo propriamente dito. Certo é que esse assunto causa grandes conflitos numa sala de aula de teologia, onde muitos olhares estão voltados exclusivamente para a Bíblia. Muitos conseguem enxergar a teologia como estudo de Deus, somente da pessoa de Deus, o que na verdade é um equívoco, pois para se estudar Deus, é preciso estudar o que isso causa na humanidade ao longo da história. E na disciplina que estuda o ecumenismo isso também acontece, pois estuda

³ Dr. Gottfried Brakemeier expressa muito bem essa idéia em sua obra BRAKEMEIER, Gottfried. **Preservando a unidade do espírito no vínculo da paz:** um curso de ecumenismo. São Paulo: Aste, 2005.



várias faces do ecumenismo além de sua história, estuda também o seu objetivo, a tão sonhada unidade cristã, superando obstáculos denominados diferenças, para se chegar num denominador comum, ou seja, objetivo da igreja cristã: missões. Essa disciplina também mostra que ecumenismo não é só isso, significa também uma humanidade entre a criação em geral, de toda sociedade, pois é preciso aprender a conviver num mundo onde o que impera é a diferença. É preciso aprender a conviver com pessoas e grupos que pensam de maneira diferente e tem conceitos diferentes.

O ecumenismo também deve ser levado em conta como um *movimento*, levando-se em consideração a unidade da igreja cristã, que é o que mais nos interessa. O ecumenismo começou a partir do momento em que a igreja já não era uma só, a partir do momento em que a igreja se dividiu. Desde então se tem defendido um movimento no intuito de recuperar a unidade da igreja cristã, superando os obstáculos, os quais são diferenças existentes entre as igrejas na intenção de unir todos na sua grande missão. Ao longo da história houve várias grandes divisões na igreja, inclusive dentro da igreja protestante, o que causa grande disputa entre as mesmas. Se essa divisão causar disputa é muito ruim, mas se causar uma complementação não deve ser visto como algo ruim. Desde então o ecumenismo vem enfatizando que a unidade cristã sempre existiu em Cristo. Não é certo dizer que a unidade existiu e num determinado ponto ela acabou por conta de divisões dentro da igreja cristã, mas sim, tornar essa unidade novamente visível dentro do meio cristão.

O ecumenismo como movimento, como já visto anteriormente, é muito temido e visto muitas vezes como uma ameaça aos verdadeiros princípios da igreja, pois muitos o vêem como uma tentativa de promover um sincretismo religioso ou ainda dizer que a verdade não é absoluta, que pode variar de acordo com a época, lugar e os indivíduos que a pregam.

A grande questão aqui é o grande objetivo da igreja: fazer missões. O ecumenismo prega que a igreja não deve tentar evangelizar seus próprios membros, dentro de sua unidade. Quando há essa divergência de opiniões entre os cristãos o objetivo da igreja não acontece. Como fazer missão dentro do próprio meio cristão? Pois bem, missão deve ser pregada entre os não-cristãos, entre aquele que estão perdidos no mundo, sem Jesus Cristo.

Visto que o ecumenismo prega a unidade da igreja cristã, podemos ver alguns argumentos para nos ajudar a compreender essa pluralidade que existe hoje no meio cristão. Somente duas palavras são suficientes pra entender o que a igreja deve ser ecumênica, ou ainda, única: Jesus Cristo, o qual é a razão da mesma. Na própria palavra de Deus, Jesus pregou a unidade entre os apóstolos e entre todos que são batizados e professam a mesma fé. A igreja de Jesus Cristo ao longo da sua história provou ser capaz de adaptar-se a novos



ambientes e a ter força para superar os obstáculos, isso corrobora para que a igreja tenha força para promover unidade.

Jesus Cristo é o ponto convergente de um consenso básico da cristandade, que contribuiu para a canonização dos textos neotestamentários, ou seja, Cristo mantém unida a variedade. O ecumenismo não defende a supressão da variedade, mas uma complementação na variedade, pois a diversidade antecede a unidade, isso já se faz presente na própria criação do mundo.

O desafio do ecumenismo hoje é conseguir uma união dentro da diversidade, uma amizade sem disputas para que ambos possam se completar e cooperar um com outro, e o amor acima de tudo.

2 A UNIDADE DA IGREJA DE JESUS CRISTO

O ecumenismo é um assunto discutido no mundo inteiro, porém pode ser considerado algo muito individual tanto para cada pessoa quanto para cada comunidade onde é falado. Se fizer uma pesquisa em torno desse assunto, com certeza as respostas serão as mais variadas, desde concordarem, não concordarem ou concordarem em parte, dependendo da visão de ecumenismo que possui a comunidade na qual esta pessoa está inserida.

Pode-se ver que cada comunidade tem uma visão diferente de ecumenismo, porém pode-se resumir em apenas uma palavra: unidade. Mas antes de falarmos de visões diferentes entre os protestantes e os católico-romanos, temos que ver onde, como e porque essa tentativa de união se originou.

Quando falamos de ecumenismo logo pensamos numa tentativa de retomada de união, e falando em retomada sabemos que é algo que outrora existia e agora não mais. Para isso temos que entender que a Igreja nos tempos antigos era uma só, somente a Igreja Católica Apostólica era a igreja de Jesus Cristo. Na verdade o ecumenismo começou desde que a igreja até então única, se separou, surgindo assim o Protestantismo.

A Reforma começou bem antes da atitude de Lutero em pregar as 95 teses, contestando diversas atitudes tomadas pela Igreja, pois o próprio Martinho Lutero chegou a afirmar que Roma era um esgoto a céu aberto, tamanha foi a barbárie que ele encontrou naquele lugar.

Isso aconteceu porque a Igreja começou a definição gradual de seus dogmas, ou seja, o surgimento de verdades imutáveis que, depois de proclamadas solenemente, jamais podem



ser revogados, nem mesmo pelo Papa, como a assunção da virgem Maria, as indulgências, a veneração dos santos e o purgatório.

Só por este breve histórico pode-se ver que as visões entre os protestantes e os católico-romanos são bem diferentes, visto que suas visões de doutrinas também são diferentes, como por exemplo, a doutrina da justificação, na qual a igreja protestante prega que a salvação só se alcança por fé, ao passo que os católicos apostólicos romanos pregam que também se alcança com boas obras.

Se para os protestantes esses dogmas estão em desacordo com a Bíblia, eles só podem pregar um ecumenismo interdenominacional, para que estes transponham as barreiras e a falta de diálogo existente entre as diversas denominações protestantes de hoje, visto que o que as separa na verdade não são doutrinas diversas, e sim costumes criados pelo homem. Por isso para os protestantes, missão e ecumenismo são contraditórios, pois eles têm que fazer missões a todos àqueles que estão fora dos padrões e alicerces da verdade da Palavra de Deus, todos, incluindo também aqueles que nem mesmo conhecem a Jesus Cristo.

Se para os católicos romanos esses dogmas podem ajudá-los chegar ao céu e manter a santidade, eles podem sim pregar um ecumenismo entre todas as igrejas cristãs, tentar abraçar essa causa a fim de que possam novamente ser uma única igreja com todos que confessam Jesus Cristo.

Por conta disso, para eles missão e ecumenismo podem andar juntos, pois não é necessário que se faça missão entre todos os cristãos, e sim uma nova união entre todos, voltando às origens da igreja católica apostólica.

Agora sim, podemos entender o motivo pelo qual a Igreja Católico-Romana se manteve tanto tempo adversa ao Ecumenismo. Na visão da ICAR⁴, ela e somente ela detém a verdade, por isso não é necessário pregar o evangelho aos outros irmãos cristãos, basta apenas que estes transpassem as barreiras que antes não existiam e voltem a ser uma única igreja.

Porém, com o tempo não houve outra opção a não ser abrir espaço para o ecumenismo, fato este que se evidenciou com a criação do Secretariado para a Unidade dos Cristãos, que para o Papa João XXIII era a abertura do ecumenismo. O Papa convocou por esse motivo o Concílio Vaticano II, o que acarretou grandes evoluções.

Porém, havia um grande problema, a ambigüidade nos textos do Concílio, que dava margem tanto para uma real abertura ao ecumenismo, ou então voltar a considerar a ICAR

⁴ A partir deste ponto, a sigla ICAR substituirá Igreja Católica Apostólica Romana



como a única detentora da verdade, sendo a verdadeira Igreja de Cristo, fechando assim as possíveis portas abertas ao ecumenismo.

Com isso acaba-se por concluir que a ICAR continua se abstendo de abrir portas e dialogar frente ao ecumenismo, voltando com diversas práticas que outras igrejas como os protestantes abominam, na ocasião do ano santo de 2000 d.C., como as dificuldades na assinatura da Declaração Conjunta sobre a Justificação por Graça e Fé. Com isso como podem eles declarar que querem uma retomada de união com os protestantes?

Hoje em dia, as pessoas não mais aceitam as coisas sem antes confrontarem essas ditas verdades com a verdade da Palavra de Deus. O conceito de Igreja de Cristo à luz da Bíblia não pode estar presa a instituições físicas instituídas pelo homem, esta Igreja é muito mais que prédios, conselhos, sínodos e federações.

3 O FUTURO DO ECUMENISMO

O ecumenismo é um movimento muito antigo se observar a história da Igreja, mas parece que não saiu do ponto zero se observar a questão da sua evolução nessa mesma história. Esse mesmo movimento tem enfrentado muitos desafios ao longo do tempo, principalmente no que diz respeito às igrejas pentecostais e aos movimentos transconfessionais. O pentecostalismo, mas especificamente o histórico, vem crescendo muito, pois ele trata muitas questões ligadas a desejos internos do homem. Tem como ponto central o batismo no Espírito Santo e como consequência o falar em língua estranha.

Não se pode confundir também o pentecostalismo com algumas igrejas ditas evangélicas pentecostais que tratam somente disso, só tratam o pentecostalismo como um movimento que de certa forma movimenta a igreja, pois atrai membros. Pois a questão do batismo no Espírito Santo é muito mais que isso, é uma consequência de uma vida de santidade diante de Deus. Pois muitas dessas igrejas usam várias experiências religiosas, que nem sempre são verdadeiras experiências cristãs, para se promoverem e encherem seus templos com promessas falsas.

Essas particularidades do pentecostalismo são um grande impedimento para o diálogo ecumênico, tanto entre essas igrejas quanto entre alguma dessas igrejas e a ICAR, pois grandes são as diferenças doutrinárias existentes entre elas, inclusive entre as denominadas evangélicas. Porque na verdade, muitas estão somente querendo aumentar seu próprio reino com mais membros e se enriquecerem, e não membros genuínos para fazer



crescer o reino de Deus. Um exemplo é a Igreja Universal do Reino de Deus, que é na verdade uma empresa que trabalha com a religião como meio, centrada na teologia da prosperidade.

Todo esse movimento pentecostal tem feito crescer a proliferação dessas igrejas, o que dificulta cada vez mais o diálogo ecumênico, pois a cada nova divisão, surge um novo grupo querendo se destacar dos demais em seus feitos, fazendo com que queiram para si a verdadeira “fonte de poder”.

E esse movimento cresceu tanto que já ultrapassa os limites das igrejas, sendo apresentado como movimento transconfessional, ou seja, conforme Aurélio⁵, um movimento para além de uma crença religiosa. Esse movimento alcança várias vertentes cristãs, inclusive dentro da igreja católica com os movimentos carismáticos. Aí neste ponto pode-se dizer que existe uma brecha para o tão sonhado diálogo ecumênico, pois membros de diferentes igrejas se comunicam através desses aspectos do movimento pentecostal, transpondo assim as barreiras denominacionais.

Ao longo da história foram elaborados diversos *modelos de unidade*, vamos analisar quatro dos mais importantes. O mais conhecido é o católico-romano que prega uma unidade estrutural e hierarquicamente centralizada. Esse modelo é bem complicado de se colocar em prática, visto que seu objetivo é retornar todos os irmãos à igreja mãe, ou seja, todas as outras denominações cristãs deveriam se juntar à igreja católica, ou seja, às suas origens. Essa concepção é uma utopia, visto que as igrejas protestantes jamais se juntariam novamente com uma igreja cheio de dogmas e doutrinas que não estão da Bíblia Sagrada, foram criadas pelo homem, e, principalmente, tendo que se submeter ao Papa.

Em segundo lugar, podemos analisar o modelo da União Orgânica, ou seja, o reinício de uma nova igreja, começar do zero, fazendo-se uma fusão das igrejas existentes e surgindo assim, uma nova igreja. Mas isso também acaba se tornando uma utopia, pois neste ponto morreriam todas as confessionalidades existentes, surgindo a tão sonhada igreja transconfessional, sem placa denominacional. É praticamente impossível as igrejas abrirem mão de suas doutrinas confessionais e formarem uma nova igreja, pois afinal, quais seriam as doutrinas dessa nova igreja? Essa nova igreja absorveria alguma coisa de alguma confissão? Isso já seria um grande impedimento ao diálogo ecumênico proposto por esse modelo.

Tem-se também o modelo da unidade na diversidade reconciliada, ou seja, ele não defende a supressão das diferenças entre as confessionalidades, mas sim, eliminando os

⁵ FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**. 3. ed. Versão 5.0 – Edição Revista e Atualizada. Curitiba: Editora Positivo, 2004.



elementos que causam os conflitos. Esse modelo permite que se preservem as identidades das confissões envolvidas, mas aí está exatamente o problema. Se o diálogo ecumênico se inicia com a unidade, como se preservar a identidade da sua confissão sem ser nada perdido, e, ainda assim, se juntas com as outras confessionalidades?

Outro modelo que ficou conhecido foi o da comunhão conciliar, bem apoiado pelo CMI inclusive. Defende o início da união começando pelas congregações locais e criando concílios para eventuais litígios. O problema desse modelo é que as congregações protestantes, por exemplo, não tem essa autonomia e as igrejas onde estão ligadas não dariam essa brecha ao diálogo ecumênico, visto que não aceitariam concílios onde seus membros poderiam ser adeptos de outras confessionalidades, e, com certeza, acabariam por tomarem decisões baseadas em suas raízes confessionais.

Entende-se assim, que existem muitos pontos convergentes, mas também existem muitos pontos divergentes entre os modelos de unidade defendidos ao longo da história de ecumenismo. E também muitas divergências entre os que aderem ao movimento pentecostal, mas ainda assim há pontos que parecem abrir espaço ao diálogo ecumênico e há pontos que parecem afastá-lo cada vez mais das igrejas cristãs.

Diante de tantos modelos, pode-se perguntar: Será que o ecumenismo evoluiu mesmo ao longo dos anos ou continua sendo uma utopia, ainda mais com as igrejas pentecostais?

CONCLUSÃO

Diante de tantas pesquisas, discussões, debates e movimentos em torno do ecumenismo pode-se ver que realmente é um termo bastante mencionado no meio acadêmico, principalmente pelos católicos apostólicos romanos e os protestantes.

Por isso vê-se a grande importância de se entender os reais fatos que fizeram esse movimento surgir, para que se possa defender um ponto de vista tanto a favor quanto contra tal movimento.

É sabido que hoje, esse movimento está bem inserido em nossa sociedade, em larga escala, mas isso não significa sua real aceitação, pois embora subentendida existe uma disputa dos católicos romanos com os protestantes em relação a isso, até mesmo por conta do real motivo do surgimento do ecumenismo.



Afinal, é fato que o ecumenismo surgiu após a Reforma, e a Reforma surgiu pelo fato da igreja ter inserido dogmas que iam de encontro à Bíblia Sagrada.

A ICAR tem demonstrado grande interesse num retorno à uma igreja única, porém não abre mão de seus dogmas, e isso os protestantes jamais aceitariam.

Diante disso como pregar o ecumenismo como algo real de se alcançar? Como defender a unidade que o ecumenismo tanto prega?

Será que é mesmo possível defender um ecumenismo como uma complementação e não uma supressão da variedade, deixando de ser a diversidade religiosa um empecilho para sua realização total?

Pode-se concluir que até hoje nenhum dos modelos de ecumenismo vingou de verdade, apesar de tantos esforços.

Portanto, é possível ainda ter esperança ou será sempre uma utopia teórica?

REFERÊNCIAS

BRAKEMEIER, Gottfried. **Preservando a unidade do espírito no vínculo da paz:** um curso de ecumenismo. São Paulo: Aste, 2005.

FACULDADES EST. Salão de Pesquisa. (7. : São Leopoldo, RS : 2008) ; WEGNER, Uwe; BUTTELLI, Felipe Gustavo Koch; WONDRAČEK, Karin Hellen Kepler; VARGAS, Maryléa Elizabeth Ramos; SINNER, Rudolf Eduard Von. Anais ... São Leopoldo: Faculdades EST, 2008. 1 disco laser para computador.

SINNER, Rudolf Eduard von; CONGRESSO ECUMÊNICO 2006, São Leopoldo, RS. **Missão e ecumenismo na América Latina.** São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI 2009. 168 p. (Parceria na missão de Deus).

SINNER, Rudolf Eduard von. O debate eclesiológico no Conselho Mundial de Igrejas. In: **Teocomunicação: Revista Trimestral de Teologia**, Porto Alegre: EDIPUCRS, v.36, n.153, p. 599-621, set. 2006.